
UM INSTANTÂNEO DOS DEBATES NO CAMPO DO CURRÍCULO NO BRASIL NA VIRADA DO SÉCULO: A série Cultura, memória e currículo da Editora Cortez.

Maria Luiza Süsskind^(*)

Quando organizada por Nilda Alves e destinada aos *curriculeiros, que fazem currículo no cotidiano das escolas e os estudam essas artes de fazer*, em 2002, a série **Cultura, Memória e Currículo** trouxe em sua apresentação o parágrafo que soa, mais de dez anos depois, bastante afinado com a situação atual. Com ele, abro o texto e sublinho minha felicidade de resenhar a série, da Editora Cortez, para esta publicação da *Revista Teias* que homenageia a professora Nilda Alves, sua organizadora. Reforço aqui a homenagem por ela feita ao declarar a intenção da série de:

[...] homenagear as professoras e professores brasileiros que, apesar da situação difícil que com muita frequência tem nas escolas em que trabalham, estão criando as artes do currículo, todo tempo, em trajetórias solidárias, muitas vezes, em outras bastante solitárias. (2004)

Reler os livros é refazer, reinventar essa homenagem. Reconverter e reinventar a série que tantos debates vêm travando e estimulando o compartilhar daqueles e outros cotidianos daqueles e outros professores. É recontar a série lembrando que nas redes de *saberesfazeres* do cotidiano escolar há muitas coisas que acontecem entre o imprevisto e o currículo oficial e sobre elas escolhemos pesquisar. Porque, concordamos com personagem-tipo Flávio, professor de currículos, quando ele diz que *algumas vezes estamos conscientes que não seguimos o currículo ao que Sebastião, páginas à frente, completa: Nada é neutro em educação* (ALVES, 2011).

Inicialmente, diria que os oito volumes merecem leitura e releitura já que sabemos que os textos atuais são aqueles cujos significados se reinventam, se tornam o *próprio* de cada *praticante* (CERTEAU, 1994). Um olhar crítico para a série precisa preocupar-se em mostrar o quanto essa obra é afetada¹ por circunstâncias políticas, sociais e educacionais. A crítica, segundo Horkheimer, é o entendimento da responsabilidade de ambos, autor e crítico, na construção da realidade social.

^(*) Professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Professora visitante da Universidade da Columbia Britânica (UBC, Canadá).

¹ Busco a ambivalência de sentidos: impactada e ligada no sentido pessoal, de afeto.

O volume que abre a série foi também organizado por Nilda Alves e traz cinco debates-chave para o campo do currículo, divididos em cinco capítulos sob a forma de conversas ocorridas entre um grupo de professores numa cidade do litoral do estado do Rio de Janeiro. Essas conversas *aconteceram entre abril e maio de 1999* e tratam de assuntos como utopia, árvores e redes, organização pedagógica e as redes de conhecimento e educação de que todos fazemos parte. Este volume já está em terceira edição e é absolutamente bem-sucedido no que tange à proposta epistemológica da organizadora de *literaturizar a ciência*.

Numa escrita leve e direta, sob a forma de conversa entre professores, além de preocupada em oportunizar e trazer o complexo sem complicar, o livro ganha em densidade e potência. Marca o primeiro volume, e também a série, o uso de múltiplas fontes de pesquisa que se apresentam como vozes dentro dos textos. A polifonia de professores, educadores, estudantes e comunidade é valorizada em todos os aspectos. Ao mesmo tempo, os capítulos deste e de outros volumes trazem a polifonia também sob a forma de citações, fotografias, poemas, músicas... As tramas das redes de subjetividade que cada um enreda nas escolas e nos currículos são tecidas a partir das histórias, memórias, experiências de dentro e fora da escola. De acordo com Alves (2011), essas tessituras é que formam *o grande tapete que é o currículo de cada escola, também sabemos todos, nos enreda com outros formando tramas diferentes*.

Uma década depois, o volume 1, organizado por Nilda Alves e de autoria dela, de Elizabeth Macedo, Barbosa de Oliveira e Luiz Carlos Manhães chega a parecer-se com um *manual* para aqueles que viriam a ser tocados pelo modo cotidianista de *mergulhar na escola, pedindo licença pra entrar e agradecendo ao sair* (FERRAÇO, 2005). Quase um manual? Sim e não... Um manual por ser artesanal, fazer a relação *prácticateoriaprática* e não por ser diretivo ou dar receita. Ao longo das conversas narradas no volume 1 da série *Cultura, Memória e Currículo*, o livro *Criar Currículo no Cotidiano*, as questões políticas, metodológicas e epistemológicas dos estudos do cotidiano em educação se fazem presentes. No volume 2, em *Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo*, texto de Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2002) renovam a discussão central da noção de redes de conhecimentos e dos estudos do cotidiano para compreensão dos currículos no cotidiano escolar, como ressaltaria novamente Nilda Alves em texto recente (*apud* PINAR, 2011).

Reforçando, no volume 4, a escolha *políticoepistemológica* compartilhada em maior ou menor grau pelos autores da série, Inês Barbosa de Oliveira (2004) acredita que *a dissociação entre a epistemologia e a política deve ser superada se pretendemos investir na tessitura de uma outra sociedade*. E acrescenta a existência de interesse crescente na troca de práticas curriculares

democraticamente orientadas nas escolas, fora da escola e na universidade onde a *colonização do espaço acadêmico pelo formalismo* é, ainda, quase um *tabu nos debates curriculares e, sobretudo, acadêmicos* (p.21). Nesse sentido, a série cumpre seu papel de amplificar os debates e não é um *manual*.

Visualmente, a série padroniza a apresentação com páginas de dupla coluna dando aos autores a liberdade de trançar diferentes textos em um só. Essa *conversa* entre colunas sugere mais que uma relação forma-conteúdo diferenciada, mas dá também ao leitor uma posição de destaque e coautoria na tessitura dos textos. O leitor é visto, tratado como e estimulado a ser um *consumidor* do texto, no sentido atribuído ao termo por Certeau (1994); a esse papel é inequivocamente coerente com a postura *políticoepistemológica* de Nilda Alves. Superando o caráter *arbóreo* (ALVES, 2011) e linearidade da grafia, a assimetria entre autor-leitor e a hierarquia entre as referências, a série possibilita ao leitor *experienciar* um papel interativo de praticante da leitura-escritura, tecelão das próprias redes de conhecimentos e subjetividades para que o livro lhe caça (CERTEAU, 1994) em sua transversalidade e hipertextualidade. Assim, o livros da série fazem aquilo que Alves (2011) defende na relação de conhecer que é *criar surpresas* (CERTEAU, *apud* ALVES, 2011). Portanto, uma leitura emancipatória.

Composta por oito volumes publicados entre 2002 e 2008, a série reúne mais de cinquenta diferentes autores de outras tantas instituições de ensino em diversas regiões, níveis e áreas brasileiros e estrangeiros. Trazendo a diversidade nas vozes de dezenas de pesquisadores do campo do currículo e atores do cenário educativo contemporâneo, passando pelas experiências de formação, pela escrita dos professores, educação ambiental, avaliação e pelas análises das propostas oficiais de currículo, tratando de escola, práticas emancipatórias, direitos humanos, preconceito, gestão, identidades, biografias, estudos culturais, globalização, alfabetização, religião, educação indígena, tecnologia, comunicação, movimentos sociais, e mais, a série transitou entre temas, metodologias e questões muito relevantes para o campo da educação e das ciências humanas da virada do milênio podendo ser pensada como um instantâneo dos debates no campo neste período. Assim, pode-se afirmar que a série é *híbrida de teoria, pesquisa e prática* como a própria área de currículo tem sido (PINAR, *apud* LOPES; MACEDO, 2002).

Capítulos que se comunicam entre os volumes pelas experiências, referências, temas e, sobretudo o compromisso político com a escola e democracia e demonstram a tendência de internacionalização dos debates no campo do currículo característico dos últimos dez anos. A série dialoga com a produção dos Estados Unidos a partir da posição sobre os estudos curriculares e sua relação com estado, política e mercado de William Pinar (entrevista, volume 7); vai à Argentina nas

vozes de Alejandra Amantea, Graciela Cappeletti, Estela Cols e Silvina Feeney sobre as políticas curriculares nacionais; e, em três capítulos, sendo um deles o relato de José Pacheco sobre a Escola da Ponte (volume 4), busca em Portugal contribuição para o debate. Ainda sob a organização de Inês Barbosa de Oliveira, o volume 4 traz o relato de vinte anos de experiências de cogestão e formação continuada pelo francês Jean-Noël Even numa *comunidade educativa* que é mais que o coletivo dos projetos individuais somados ao do Liceu.

Nos volumes 2 e 7, em busca *das discussões que apontam para as transformações que vêm passando as sociedades atuais*, as organizadoras e autoras Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo (2002, 2006) analisam a questão dos Parâmetros Curriculares Nacionais à época em fase de implantação no ensino médio e no ensino fundamental, respectivamente, e trazem importantes debates como o de Carlos Skliar *com o outro*, de Sandra Corazza sobre *diferença* e a leitura da teoria da *circularidade de culturas* de Ginzburg por Maria de Lourdes Rangel Tura, entre outros.

O quinto volume é sobre avaliação, organizado por Maria Teresa Esteban (2003), que olha o tema sob diversas perspectivas, por exemplo: a da *gestão* pelo português Almerindo Janela Afonso; *história, escola e religião* por Mailsa Carla Passos e Carlos Roberto de Carvalho e *formação de professores e alfabetização* por Carmen Sanches Sampaio. Deste modo, faz um convite às escolas para *transformar o processo de avaliação* a partir do compromisso com a *democratização* e do objetivo de romper com a *exclusão* (ESTEBAN, 2003).

O volume 8 da série, organizado por Marcos Reigota e Bárbara Heliadora Soares do Prado (2008) dialoga com os estudos do cotidiano e tece uma rede de conhecimentos e subjetividades relatadas em *cartas trocadas* entre professores gaúchos, extensionistas rurais do Amapá e pesquisadores de São Paulo. Nele, um mundo diferente das escolas urbanas e, cuja leitura, aponta para a construção coletiva de práticas curriculares em educação ambiental orientadas pela utopia de uma sociedade justa, democrática e sustentável.

O encontro entre memórias e práticas de currículo nos diários de classe, registros de aula e anotações pessoais pautam o volume 3, organizado por Ana Chrystina Venancio Mignot e Maria Teresa Santos Cunha (2003). Também pensando práticas curriculares cotidianas, os volumes 4 e 6, organizados por Inês Barbosa de Oliveira e Carlos Eduardo Ferraço, respectivamente, trazem relatos de experiências múltiplas, dentro e fora da escola, na formação de professores e nos movimentos sociais, em que a complexidade e riqueza do cotidiano, a emancipação como prática e luta de construção da democracia dão motivo a muita reflexão, aprendizado e diversão. Visto pelos autores em diferentes perspectivas, o cotidiano escolar, que é onde *acontece tudo, ao mesmo tempo e com todos* (FERRAÇO, 2005) pode trazer a beleza das imagens e metáforas de Antonio Carlos

Rodrigues de Amorim ou as dúvidas hilárias dos estudantes da escola pesquisada por Carlos Eduardo Ferraço (2005), assim como a mobilização gradual e memória idílica dos atingidos por barragens na narrativa de Gerson Tavares do Carmo (OLIVEIRA, 2004).

Finalmente, longe de soar em uníssono, o conjunto da obra merece aplausos e, após uma década, também o crédito de ter contribuído para ampliar e fortalecer na universidade, nas escolas e fora delas, o compromisso com a luta democrática tecendo

[...] redes de poderes, saberes e fazeres, formadas pelos sujeitos dos cotidianos, estando em constante movimento, tecendo e desfazendo *tramas* e *tecidos*, apresentam *desenhos* e *imagens* que, sob múltiplas circunstâncias pessoais e coletivas, aparecem e desaparecem [...]. O que temos, então, são ações instituintes que podemos captar em pleno voo, sem estarmos certos/certas de pegar o sol com a mão [...]. (MACEDO; OLIVEIRA; MANHÃES; ALVES, *apud* ALVES, 2011, p. 97).

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. (Org.). *Criar currículo no cotidiano*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. [Série Cultura, Memória e Currículo; vol. 1, 104 p. 1. ed. 2002]
- _____. Prefácio. In: OLIVEIRA, I. B. (Org.). *Alternativas emancipatórias em currículo*. São Paulo: Cortez Editora, 2004. [Série Cultura, Memória e Currículo, vol. 4, 216p.]
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- ESTEBAN, M. T. (Org.). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez Editora, 2003. [Série Cultura, Memória e Currículo, vol. 5, 168p.]
- FERRAÇO, C. E. (Org.). *Cotidiano escolar e formação de professores(as) e currículo*. São Paulo: Cortez Editora, 2005. [Série Cultura, Memória e Currículo, vol. 6, 176p.]
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez Editora, 2002. [Série Cultura, Memória e Currículo, vol. 2, 240p.]
- _____. (Org.). *Políticas de currículos em múltiplos contextos*. São Paulo: Cortez Editora, 2006. [Série Cultura, Memória e Currículo, vol. 7, 271p.]
- MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (Org.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez Editora, 2003. [Série Cultura, Memória e Currículo, vol. 3, 184p.]
- PINAR, W. F. (Ed.). *Curriculum Studies in Brazil: Intellectual Histories, Present Circumstances*. New York: Palgrave-MacMillan, 2011.
- REIGOTA, M.; PRADO, B. H. S. (Orgs.). *Educação ambiental: teoria e práxis*. São Paulo: Cortez Editora, 2008. [Série Cultura, Memória e Currículo, vol. 8, 208p.]